

O SONHO DE UMA GAROTINHA

Jann Mitchell

Apesar da longa espera, a promessa seria cumprida, e o sonho, realizado. No início da década de 1950, em uma pequena cidade no sul da Califórnia, uma garotinha colocou outra pilha de livros no pequeno balcão da biblioteca.

A menina era uma leitora ardorosa. Os pais dela tinham livros em todos os cantos da casa, mas estes nem sempre eram os que ela queria ler. Ela fazia uma visita semanal à biblioteca amarela com ornamentos marrom, o pequeno prédio de apenas um cômodo onde a seção infantil ocupava apenas um cantinho. Muitas vezes, ela se aventurava para fora desse cantinho em busca de alimentos mais substanciosos.

Enquanto a bibliotecária de cabelos brancos carimbava a data de devolução, o olhar cheio de ansiedade da garotinha pousava no livro exposto com destaque no balcão sinalizado como o Novo Lançamento. Ela ficava fascinada diante da maravilhosa sensação de escrever um livro que recebesse tamanho destaque e fosse exposto de modo que todos o vissem.

Naquele dia em particular, ela confessou seu objetivo.

– Quando eu crescer – disse ela – serei escritora. Vou escrever livros!

A bibliotecária desviou os olhos da atividade de carimbar e sorriu para a garotinha, não com condescendência, o que muitas crianças recebem, mas com encorajamento. – Quando você escrever esse livro – disse a bibliotecária –, traga-o para nossa biblioteca, e eu o colocarei em exposição no balcão, como este aqui. A garota prometeu que faria isso. À medida que crescia, seu sonho também se tornava maior. Ela conseguiu seu primeiro emprego na oitava série, escrevendo perfis de personalidades para o jornal local, e recebia por eles uma pequena quantia. O dinheiro recebido não significava nada em comparação com a magia de ver suas palavras no papel. Um livro era ainda um objetivo bem distante. Ela era editora do jornal da escola, depois se casou e formou uma família. No entanto, o desejo ardente de ser escritora ainda existia no mais profundo de seu ser. Ela conseguiu um emprego de meio-período para divulgar as notícias referentes à escola no jornal do bairro, uma publicação semanal. Isso permitiu que sua mente permanecesse ocupada enquanto criava filhos. Mas nada do livro. Depois, começou a trabalhar em período integral para um jornal de destaque. E até tentou trabalhar em revistas. Mas nada do livro ainda. Por fim, percebeu que tinha algo a dizer e começou a escrever um livro. Ela o enviou para duas editoras, que o recusaram. E, com tristeza, ela colocou o livro de lado. Alguns anos mais tarde, o antigo sonho, persistente e resistente, ficou ainda mais forte. Conseguiu um agente e escreveu outro livro. Ela tirou o outro da prateleira e logo os dois foram vendidos para uma editora. No entanto, o mundo das publicações de livros move-se de forma bem mais lenta do que as publicações diárias ou semanais, e ela teve de esperar dois longos anos. Um dia, uma caixa com exemplares doados ao autor foi entregue em sua casa; ela não se conteve de alegria e rasgou a caixa. Havia esperado muito tempo para ter seu

sonho em suas mãos. A seguir, lembrou-se do convite daquela bibliotecária e da promessa que lhe fizera. É claro que aquela bibliotecária já morrera havia muitos anos, e a pequena biblioteca fora demolida para que um prédio muito maior fosse levantado.

A garotinha, agora mulher feita, telefonou para saber o nome da bibliotecária responsável. Escreveu uma carta para contar-lhe o quanto as palavras de sua antecessora foram importantes para ela. Disse que estaria na cidade para a trigésima reunião de ex-alunos e perguntou se poderia levar os dois livros para doá-los à biblioteca. Isso significaria muito para aquela garotinha de dez anos, além de ser uma maneira de honrar todas as bibliotecárias que sempre encorajavam as crianças. A bibliotecária disse: "Venha", e ela foi, com um exemplar de cada um de seus livros debaixo do braço. Ela foi à biblioteca nova, bem em frente à sala de aula da antiga escola onde lutava com a álgebra, lamentando a necessidade de urna matéria totalmente inútil para uma escritora – e bem próximo do local onde ficava sua antiga casa, pois esta e os arredores dela, a vizinhança toda, tinham sido demolidos para ceder lugar a um centro cívico e a essa fantástica biblioteca. No interior do prédio, ela foi recebida afetuosamente pela bibliotecária que lhe apresentou um repórter do jornal do bairro – um descendente do jornal para o qual, havia muitos anos, implorara por urna oportunidade para poder escrever sua coluna.

A seguir, ela apresentou seus livros para a bibliotecária, que os colocou sobre o balcão com uma placa que explicava algo sobre o livro. Lágrimas banharam o rosto dessa mulher que acalentara um sonho desde que era bem menina. Depois, ela abraçou a bibliotecária e saiu, não sem antes posar para urna foto à entrada – urna prova de que os sonhos podem se tornar realidade, e as promessas podem ser cumpridas, mesmo que demorem 38 anos. A garotinha de dez anos e a escritora de agora posaram ao lado da placa, bem ao lado do balcão de leitores, que dizia: SEJA NOVAMENTE BEM-VINDA, JANN MITCHELL.

Ninguém deve consentir em rastejar;
quando sente um impulso para elevar-se.
HELEN KELLER